



EDITORIAL

O SUICÍDIO DELES E O NOSSO: O 11 DE SETEMBRO NO CINEMA

Octávio Ianni referiu-se ao episódio do 11 de setembro como um “evento heurístico”. Em uma de suas entrevistas televisivas, em 2002, disse que via neste acontecimento um profundo divisor de águas na política mundial, além da confirmação de suas teses, lançadas em 1996, a respeito do fim dos Estados Nação e da emergência das identidades étnico-religiosas como forças políticas em nível global. Confirmando tal caráter heurístico, vimos, a partir de 2001, as ideias políticas, já transformadas pelo fim da Guerra Fria, reclamar novas perspectivas para questões que então pareciam dizer respeito aos povos do chamado sul do mundo, cujas posições de destaque estavam mais especificamente nas estatísticas de migração em massa e nos noticiários de guerra, que chegavam até nós de forma tão impalpável como os cybers ataques dos videogames.

Perguntando-nos como o cinema pensou e traduziu o tempo pós 11 de setembro, elaboramos o dossiê desta revista colocando em debate alguns filmes que abordaram o tema. O quadro escuro e mudo do curta-metragem de Iñárritu pede reflexões para além das imagens espetaculares e as palavras avassaladoras que sucederam o evento, enquanto uma espécie de autocrítica marca as narrativas de *Fahrenheit 9 11* de Michael Moore e *Segredos de Estado (Quelques jours en Septembre)*, de Amigorena. Dois filmes propõem observar as consequências geopolíticas da queda do World Trade Center na dimensão daqueles que ficaram em pleno “olho do furacão”, ou na mira da guerra real: *Tartarugas podem voar (Turtles can fly)* e o curta de Samira Makhmalbaf, ambos problematizando a vida das crianças na linha de fogo, a guerra e seus efeitos no corpo, no espírito e no futuro da parte mais frágil, em absoluto, nesta nova polarização do mundo. O novo olhar sobre os sujeitos que desde sempre foram nossos vizinhos comparece em *Yasmin*, de Kenneth Glenaan. No conjunto, estas obras nos convidam a pensar na concretude de categorias como refugiados, imigrantes, árabes, muçulmanos, Islã, Alcorão, nós e os outros e repensar as noções de povos, etnias, identidades individuais e coletivas, guerra, massacre, terrorismo, genocídio. Olhar tais questões a partir da arte significa pensar esse redemoinho na perspectiva de sujeitos comuns, os seus dias sobressaltados, para além dos grandes conchaves de países e Estados maiores. Ainda sobre o tema, a HQ “O suicídio deles e o nosso”, de Fábio Robal, nos sugere



alguma pista dos elementos profundos que regem uma das diferenças sócio-culturais entre oriente e ocidente ao propor o coletivismo em oposição ao individualismo e a solidão. Breve e contundente como manda a linguagem do HQ, também põe na balança termos que requerem nossa reflexão.

E com a arte convidamos o leitor a pensar sobre a vida social e a sociedade com os artigos sobre literatura de *mais palavras*, com o cinema em *outros focos*, e com a pintura e os movimentos artísticos em *outras cores*. Duas *resenhas* encerram este número.

A *Baleia na rede* n. 8 agradece os seus colaboradores e os membros do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura que trabalharam para compor esta oitava edição.

Marília, Dezembro de 2011

Célia Tolentino
Editora